

**TENSÕES ENTRE O
REGISTRO E A
ENCENAÇÃO: a imagem
de Aylan Kurdi e sua
constituição em totem**

TENSIONS BETWEEN
REGISTRATION AND STAGING:
Aylan Kurdi's image and its
constitution in totem

LAS TENSIONES ENTRE LO
REGISTRO Y PUESTA EN
ESCENA: la imagen de Aylan
Kurdi y su constitución en totem

Ana Paula da Rosa^{1, 2}

RESUMO

As imagens há muito são consideradas formas de poder, no entanto, no cenário da midiatização, adquirem cada vez mais capilaridade quando produzidas para acionar a circulação, não apenas por instituições jornalísticas, mas principalmente por atores sociais midiatizados que se valem de seus dispositivos para coagir os acontecimentos. Deste modo, adota-se como ponto de partida neste artigo a hipótese de que a circulação se constitui em um processo de valorização (ROSA, 2016), realizado tanto por instâncias de produção como de reconhecimento. Esta valorização implica em uma circularidade da imagem primeira, potencializando novos circuitos interacionais. Tendo o caso das fotografias de Aylan Kurdi como objeto empírico, questiona-se: como a imagem se consolida em totem a partir de sua inscrição na circulação? Há uma força espectral nas imagens que resultam em sua permanência? Para tentarmos responder a estas perguntas acionamos aqui, os

¹Jornalista, mestre em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Atualmente atua como docente e pesquisadora do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos na linha de Midiatização e Processos Sociais. E-mail: anarosa208@yahoo.com.br.

² Endereço de contato do autor (por correio): Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em PPG em Ciências da Comunicação. Av. Unisinos, 950 - Cristo Rei, São Leopoldo - RS, Brasil. CEP: 93022-750.

conceitos de fagia social e midiática (ROSA, 2016), autorreferencialidade (BAITELLO JR, 2005), além dos aportes específicos da midiatização com Verón, Fausto Neto, Braga e Ferreira dentre outros.

PALAVRAS- CHAVE: Imagem, fotojornalismo, midiatização, circulação.

ABSTRACT

Images have long been considered as forms of power, however, in the scenario of mediatization, they acquire more and more capillarity when produced to trigger circulation, not only by journalistic institutions, but mainly by mediatized social actors who use their devices to co-manage the events. In this way, we adopt, as the starting point in this article, the hypothesis that circulation constitutes itself in a valorization process (ROSA, 2016), carried out by both production and recognition instances. This valorization implies a circularity of the first image, enhancing new interactive circuits. Taking the case of Aylan Kurdi's photographs as an empirical object, we question: how does the image consolidate itself in totem from its inscription in the circulation? Is there a spectral force in the images that result in their permanence? In order to try to answer these questions, we use here the concepts of social and mediatic phagia (ROSA, 2016), self-referentiality (BAITELLO JR, 2005), and the specific contributions of mediatization with Verón, Fausto Neto, Braga and Ferreira, among others.

KEYWORDS: Image, photojournalism, mediatization, circulation

RESUMEN

Las imágenes han sido durante mucho tiempo consideradas formas de poder, sin embargo, en el contexto de la mediatización, adquieren cada vez capilaridad cuando se produce para desencadenar la circulación, no sólo para las instituciones mediáticas periodísticas, pero sobre todo los actores sociales mediatizados que utilizan sus dispositivos para cogerir eventos. Por lo tanto, se toma como punto de partida en este artículo la hipótesis de que la circulación constituye un proceso de valoración (ROSA, 2016), realizado ya sea por

organismos de producción tal reconocimiento. Esta valoración implica una circularidad de la primera imagen, el aprovechamiento de los nuevos circuitos de interacción. Tomando el caso de las fotografías de Aylan Kurdi como objeto empírico, se pregunta: ¿cómo la imagen se consolida en el totem desde su inscripción en la circulación? Hay una fuerza espectral en las imágenes que resultan en su estancia? Para tratar de responder a estas preguntas movilizados aquí, los conceptos de fagia social y los medios de comunicación (Rosa, 2016), la auto-referencialidad (Baitello JR, 2005) y las contribuciones específicas de la mediatización con Verón, Fausto Neto, Braga Ferreira y otros.

PALABRAS CLAVE: Imagen, fotoperiodismo, mediatización, circulación.

Recebido em: 19.11.2016. Aceito em: 20.02.2017. Publicado em: 30.03.2017.

Introdução

As imagens adquirem na sociedade atual uma grande importância, de um lado há as imagens imateriais, que integram e habitam nosso imaginário. De outro, as imagens materiais que atribuem concretude a ideias, fatos e acontecimentos, principalmente os jornalísticos. No entanto, essa relação entre imagens endógenas e exógenas, na expressão de Belting (2004), não é “lisa”, ou seja, é permeada por afetamentos múltiplos. Assim, uma imagem exógena abastece e passa a integrar o repertório iconográfico do indivíduo, transformando-se em imagens endógenas. Do mesmo modo, as endógenas são externalizadas, muitas vezes, a partir de produções dos sujeitos ou evocadas por meio de publicações como as jornalísticas. Essa dualidade é propícia aos processos de midiaticização, entendendo esse conceito como uma nova ambiência (GOMES, 2004) que transforma as práticas sociais a partir de protocolos sóciosemióticos. Nesta ambiência, produtores e receptores atuam como gestores da cultura, implicando em novos modos de pensar, ver e compartilhar imagens.

A midiaticização é entendida neste trabalho como uma articulação entre os processos sociais e os midiáticos que se realiza no âmbito dos dispositivos midiáticos, sendo que para Ferreira (2007) os dispositivos agem como locais de intersecção. Assim, as imagens são produzidas, compartilhadas, valorizadas e replicadas nesses espaços como os jornais, os blogs, as mídias sociais, sejam eles de instituições jornalísticas ou de atores sociais midiaticizados. Isto porque a midiaticização coloca em curso outra forma de se pensar a comunicação, entendendo que estamos diante de um processo histórico, que se desenvolve com o próprio homem, mas que se acentua a partir do século XX, principalmente, com a ampliação das formas de acesso e com o fato de que a cultura da mídia se expande para todo o tecido social. A cada dia, observa-se

com mais intensidade o domínio das lógicas midiáticas que implicam em usos, práticas de meios e até mesmo na consolidação de apropriações (PROULX, 2014) através das tecnologias. Ainda, assim, é preciso destacar que o processo de midiaticização não está finalizado, pois embora fortemente instaurado, há exclusões, não-acessos e acentuação de desigualdades com relação a estes usos e apropriações de objetos técnicos.

Deste modo, partimos nesse artigo da perspectiva de que a midiaticização está em processo crescente, sendo que os atores sociais ascendem aos meios, mas os meios ditos tradicionais ainda buscam realizar uma espécie de chancela, de regulação do visível. Isso importa, principalmente, para compreender o processo de oferta e circulação de sentidos a partir das imagens disponibilizadas pelo jornalismo. Tais fotografias e vídeos convocam estruturas simbólicas, se presentificam em memória. Quando expostas nos meios de comunicação e inseridas na paisagem circulatória, a partir da valorização de atores sociais midiaticizados e de instituições não jornalísticas, estas imagens se autonomizam, adquirindo condições de configurar os próprios acontecimentos que retratam.

Ante o exposto, este trabalho se propõe a discutir a circulação das imagens do menino sírio Aylan Kurdi, encontrado morto em uma praia, na Turquia, em setembro de 2015. A fotografia produzida por Nulifer Demir, para a agência Dogan News, foi disponibilizada pelas agências de notícias Reuters e AFP e em poucos minutos passou a ocupar o primeiro lugar nos *Trending Topics* do Twitter. Ao realizar uma pesquisa no buscador *google* com o nome do menino identificam-se, pelo menos, 469 mil páginas versando sobre a temática. A partir da hipótese de que a circulação se constitui em uma relação de valor (ROSA, 2016), questiona-se: como a imagem se consolida em totem a partir de sua inscrição na circulação? Para tentarmos responder a esta questão

iremos mobilizar aqui, além da análise empírica, os conceitos de fagia social (ROSA, 2016), iconofagia e autorreferencialidade (BAITELLO JR, 2005), além dos além dos aportes específicos da midiatização com Verón, Fausto Neto, Braga e Ferreira dentre outros.

Tensões entre realidade e irrealdade: a imagem e o choque

O relato do fato que derivou nas imagens do pequeno Aylan Kurdi, de três anos, dá conta de que no dia 02 de setembro de 2015 o menino e sua família faziam a travessia do Mar Mediterrâneo com destino à Grécia, na tentativa de escapar da forte crise política e social da Síria. No entanto, a travessia é interrompida abruptamente quando o barco da família naufraga resultando na morte de Aylan Kurdi e de seu irmão, poucos anos mais velho, Galip. Contudo, foi o caçula que ganhou capas de jornais do mundo todo, assim como se transformou na imagem mais compartilhada e replicada nos últimos tempos. Ao ser fotografado pela fotorrepórter da agência *Dogan News*³, que redistribuiu a imagem às agências conveniadas como *Reuters* e *Associated France Press* (AFP), sua imagem passou a ser proliferada em inúmeros meios de comunicação e dispositivos.

Assim, mesmo sem identidade ou nome, a criança virou “o personagem” da crise imigratória. Ainda que com apelos de “Cuidado! Imagem forte”, a cena que não queria se ver, passou a exercer um poder de permanência na circulação, de modo que sua inserção em espaços jornalísticos ou não ocorreu de modo incessante. Atores sociais midiatizados recorreram aos seus dispositivos midiáticos como *Facebook*, *Twitter* e os *blogs* para difundir a imagem e produzir sentidos sobre o acontecimento. Do mesmo modo, as

³ A Dogan News é uma agência Turca, que mantém relações de conteúdo em inglês, alemão e chinês desde 1999, especializada em vídeos para TV e documentários, além de fotografias.

instituições jornalísticas procederam ao acolhimento das fotografias e, rapidamente, realizaram uma ampla cobertura do fato, tentando, principalmente, identificar a história por trás da foto. Nesse momento, outras imagens passaram a ser ofertadas, seja demonstrando a infância perdida do menino ou mesmo outras tomadas da praia aonde ele foi encontrado.

Para a constituição do caso de pesquisa deste artigo, identificamos nosso campo de observação⁴. Isto é, trata-se da imagem do menino Aylan Kurdi (**Figura 1 e 2**) veiculada por atores sociais midiáticos e também por instituições midiáticas, em especial as jornalísticas.



Figura 01: Momento do resgate na praia de Kos. Fonte: Imagem de Nilufer Demir/ Reuters disponível em <http://www.theguardian.com/world/2015/sep/02/shocking-image-of-drowned-syrian-boy-shows-tragic-plight-of-refugees>

⁴ Metodologicamente o campo de observação se configura como o movimento de aproximação do empírico, a partir do qual são realizados os primeiros recortes. Trata-se de proceder aos argumentos de Peirce (2003) indução, abdução e dedução, mas preferencialmente a abdução, quando se tem uma hipótese exploratória inicial, que não está focada em teorias prévias, mas nasce da observação dos materiais. Aqui estamos procedendo à delimitação desse campo de observação, numa tentativa de recolher os rastros que estas imagens deixaram.



Figura 02: A foto-choque mais vista nos últimos anos. Fonte: Imagem de Nilufer Demir/ Reuters disponível em <http://www.theguardian.com/world/2015/sep/02/shocking-image-of-drowned-syrian-boy-shows-tragic-plight-of-refugees>

Entretanto, o caso não se restringe à publicação das imagens, mas reside no tensionamento gerado a partir desta publicação. Tal agonística evidencia-se em três momentos distintos: a) a irrealidade x realidade da produção da imagem; b) a presença espectral de outras imagens já vistas e c) a consolidação do totem na circulação. É importante destacar que a circulação não ocorre em um tempo idêntico e imediato entre produção e reconhecimento. Verón (1980) já indicava a existência de um *gap* entre essas duas ações, o que implica dizer que instituições jornalísticas e atores sociais co-produziram o acontecimento, mas em momentos diferenciados e a partir de suas lógicas, capacidade de acesso e operações específicas.

Cabe destacar que as imagens apresentam um grande apelo de valor-notícia, pois se constituem nas chamadas foto-choque de Susan Sontag (2003).



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 1, Janeiro-Março. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n1p327>

Para a autora uma foto choque é, como o nome diz, chocante em sua crueza, mas vai além.

Recrutadas como parte do jornalismo, contava-se com as imagens para atrair a atenção, o espanto, a surpresa. Como dizia o antigo lema da revista Paris Match, fundada em 1949: "O peso das palavras, o choque das fotos". A caçada de imagens mais dramáticas (como, muitas vezes, são definidas) orienta o trabalho fotográfico e constitui uma parte da normalidade de uma cultura em que o choque se tornou um estímulo primordial de consumo e uma fonte de valor (SONTAG, 2003, p. 23-24)

A dura crítica realizada ao procedimento jornalístico parece ser válida neste caso uma vez que a publicização das fotografias foi tema de amplo debate, inclusive nos próprios meios de comunicação. A Folha de São Paulo, por exemplo, optou por não mostrar na capa a imagem do menino com o rosto na água, mas a trouxe na página interna. A ombudsman do jornal, Vera Guimarães Martins, na edição de 06/09/2015 intitula sua coluna como "Essa imagem é muito crua para você?" e questiona a postura do veículo ao não colocar na capa uma fotografia que já havia sido amplamente vista nas redes sociais. A medida protetiva do leitor configurou, para a ombudsman, um excesso de zelo.

Há muito tempo não via nada tão pungente e devastador como a imagem de Aylan Kurdi, 3, com seu corpinho emborcado na areia, o rosto encoberto pelo refluxo da maré. A foto atinge quem olha com a intensidade de um soco no estômago. Dói. Seguramente foi essa força perturbadora que fez com que a maioria dos grandes jornais do mundo relegasse o retrato para suas páginas internas. Foi para as capas a variação menos impactante, com Aylan já nos braços do policial turco. Quem escancarou a imagem mais crua teve o cuidado de explicar por que o fazia. Do ponto de vista do leitor, pode ter sido acertado; do ponto de vista jornalístico, era uma briga que valia a pena ter comprado (MARTINS in <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsman/232039-essa-realidade-e-muito-crua-para-voce.shtml>)

É possível afirmar, inclusive, que as replicações subsequentes resultaram em imagens derivadas como ilustrações, charges, vídeos de homenagem. Isto significa dizer que após a produção jornalística e também amadora em fluxos, novos circuitos (BRAGA, 2012) foram produzidos a ponto de a imagem se autonomizar. No entanto, um questionamento veio à tona a partir dessa foto-choque, não apenas quanto ao modo de exibição da imagem, mas essencialmente quanto à irrealidade da realidade apresentada. A fotógrafa Nulifer Demir foi entrevistada por diversos jornais e sites, como o G1, por exemplo. Segundo a reportagem do dia 03/09/2015, a fotorrepórter tentou, através do registro, contribuir para uma modificação social.

“Ele estava deitado de barriga para baixo sem vida na areia, de camiseta vermelha e com seu short azul escuro. A única coisa que eu poderia fazer era tornar seu clamor ouvido. Naquele momento, eu pensei que poderia fazer isso ao acionar minha câmera e fazer sua foto” (DEMIR in <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/fiquei-petrificada-diz-fotografa-que-fez-imagem-de-menino-sirio-morto.html>)

Sob a alegação de que a “melhor coisa a fazer era tornar sua tragédia conhecida”, pode-se chegar à primeira inferência do caso: a imagem foi feita para a midiaticização. Isto é, ela já foi produzida com a perspectiva de sua ampla inscrição na circulação, uma vez que a cena produz fagias, consumo, retroalimentando uma cadeia expositiva, mas nem sempre reflexiva sobre o acontecimento. A irrealidade da realidade apresentada foi questionada poucos dias após as primeiras divulgações. A agência de notícias Anadolu⁵ apresentou imagens que permitem considerar as fotografias de Aylan Kurdi como uma

⁵ Anadolu Agency é uma agência de notícias turca, fundada em 1920. Acompanha as lutas nacionais, a guerra da libertação e a constituição em uma república. Luta contra posturas de jornais estrangeiros e locais sobre a situação da Turquia. Trabalha com mídias sociais e produção de conteúdo audiovisual com o propósito de esclarecer o público de modo mais “preciso”. Possui escritórios na África, Estados Unidos, Ásia e Europa, além da sede. Maiores informações em <http://aa.com.tr/en>

encenação. As imagens desta agência (**Figura 03**) apresentam outros ângulos e, principalmente, mostram o menino em outro lugar da praia, próximo a rochas, questionando o processo de referência. Blogs, jornais, a rede BBC e sites de conspiração trouxeram à tona o tensionamento como na imagem abaixo.

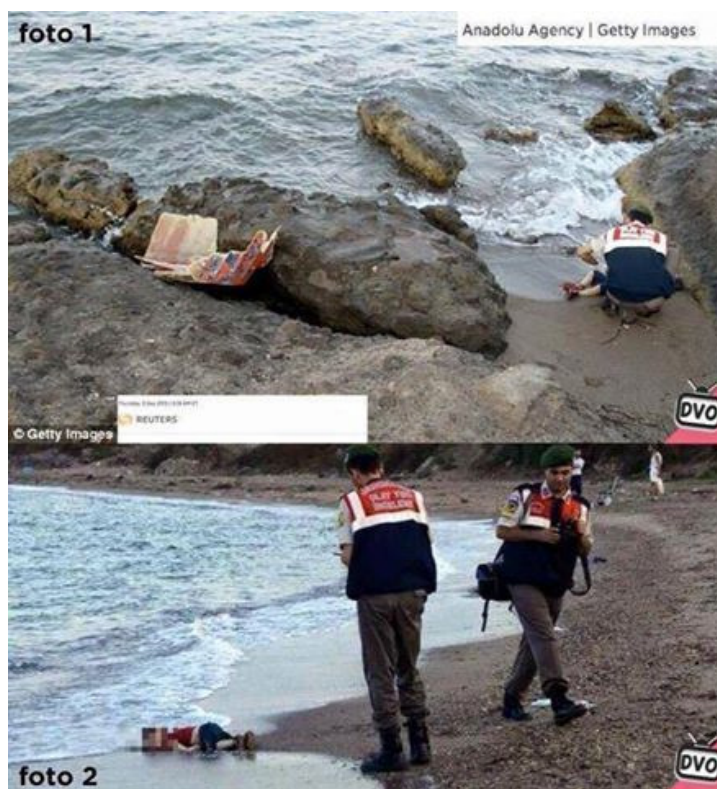


Figura 03: A agonística da encenação. Fonte: Imagem Agência Anadolu disponível em <http://popsapiens.net/2015/09/10/a-foto-do-menino-sirio-encontrado-na-praia-foi-encenada/>

A foto 01 da montagem refere-se ao possível local onde a criança teria sido encontrada e a foto 02 revela a encenação, ou seja, o corpo teria sido movido para tornar-se mais atrativo em termos imagéticos e midiáticos. Há ainda o destaque para o fotógrafo que aparece na cena, imagem esta não disponibilizada anteriormente e que “sugere” a constituição do enquadramento.

Independentemente da trucagem ou de como as fotografias foram obtidas, interessa-nos observar o efeito que a imagem ganha na circulação, pois a mesma só é transformada em símbolo, mesmo que questionada, porque há um espaço de atribuição de valor constituído, onde os laços mais profundos do social são convocados, impedindo, por exemplo, que estes tensionamentos da encenação, bem como novas imagens rompam com as estruturas pré-existentes. Em nossa visada, a imagem carrega uma força totêmica, adquirindo a possibilidade de se configurar no próprio acontecimento, descolando-se da referência imediata. Para investigar essas duas possibilidades mencionadas é importante, antes de tudo, refletir sobre a hipótese da circulação como valor.

A circulação como valor

A midiatização é um conceito relativamente recente, adotado tanto na Europa quanto na América Latina. Sua presença como fenômeno vem sendo percebida ao longo do tempo, não apenas porque se relaciona diretamente com a tecnologia, mas especialmente porque se refere às transformações sociais, culturais e antropológicas derivadas dos fenômenos midiáticos, que se configuram em práticas sociais. Isto é, as lógicas midiáticas afetam todas as esferas, não se restringindo apenas àqueles que têm como sua especificidade o fazer midiático, como, por exemplo, instituições jornalísticas.

É importante considerar, nesse sentido, que a midiatização advém de um quadro que se complexifica, nos modos de interação, no espaço ocupado pelos meios de comunicação tradicionais, na acentuação do papel ativo dos receptores, mas especialmente na articulação com os aparatos tecnológicos, que instauram novos protocolos técnicos. Estes protocolos repercutem no

surgimento de uma “cultura da mídia” que passa a pertencer não apenas ao campo jornalístico, por exemplo, mas também aos indivíduos.

Nesse sentido, ocorre um intrincado jogo interacional onde, para Fausto Neto (2013, p.47), “a técnica, em de vez produzir ampliação das distâncias entre produtores e receptores, trata de encurtá-las, reunindo-as agora na forma de contatos”. Esses contatos geram acoplamentos discursivos, modificando a produção do sentido. Estes contatos e acoplamentos é o que nos interessa aqui, uma vez que consideramos possível identificar nas marcas das materialidades, como as fotografias, traços dos movimentos de circulação. No caso do menino sírio, buscando refazer os caminhos e acionamentos entre a publicação das primeiras imagens do menino sírio até as imagens veiculadas em 2016, no jornal Charlie Hebdo, sobre o mesmo tema e que determinam uma circularidade da imagem primeira.

Quanto à circulação, especificamente, nossa visada é de que, apesar da intensificação das divergências, evidencia-se uma possibilidade de constituição de elos por meio de práticas tecnodiscursivas. Estes elos, não implicam na unificação da produção do sentido, mas na percepção de que há questões de pertinência social partilhadas tanto pela produção como pela recepção que levam adiante o fluxo internacional, produzindo o que Braga (2012) chama de circuitos. As imagens do menino Aylan Kurdi constituem circuitos interacionais, uma vez que a cada nova publicação, outras elaborações, tensões, confirmações são realizadas. Neste aspecto, torna-se crucial para nós a ideia de que a circulação se constitui como um espaço de atribuição de valor. Obviamente não se trata de um espaço físico, isolado e autônomo, mas de um processo de reconhecimento de um valor, pois as imagens só seguem novos circuitos se forem percebidas como significativas e relevantes.

Deste modo, há um jogo pela constituição do visível que leva em conta o fato de que na midiática tanto produção como reconhecimento possuem condições de desenvolver práticas enunciativas valendo-se de dispositivos midiáticos. A fotografia do menino aparece, é inserida em dispositivos jornalísticos e disponibilizada na web, passa a ser replicada em dispositivos de atores sociais e amplia formas de acesso, reingresso. Mesmo as publicações questionadoras da imagem primeira, ratificam sua força. Assim, consideramos que esse percurso entre aparecimento-valorização-replicação fomenta a autonomização da imagem em relação ao próprio acontecimento. A imagem se configura no próprio fato, sendo que as remissões feitas a ele são, na verdade, feitas em relação à imagem. Então não se trata da crise da imigração, do choque da exibição da morte, mas da transformação do menino em imagem-símbolo, em emblema. A construção simbólica se efetiva por dois aspectos: 1) essa imagem convoca uma força profunda do social, que mobiliza imagens endógenas e arraigadas no imaginário coletivo e 2) pela valorização efetuada nas interações potencializadas por novas inscrições da imagem.

Portanto, não são apenas os materiais que são reiterados, mas as imagens "acionam a circulação e encontram um espaço onde produção e reconhecimento estão em condições de igualdade para endossar ou rejeitar estas imagens, ainda que convivendo com as múltiplas defasagens" (ROSA, 2016, p. 9). Nesse cenário, os dois elos do processo comunicacional se hibridizam para determinar aquilo que deve ser visto, via pluridispositivos. Contudo, as instituições jornalísticas realizam tentativas de regulação dos processos, ou seja, de chancela das imagens com pregnância.

A imagem já vista 1944/1993/2015 e 2001?

As fotografias do menino sírio apresentam uma vinculação espectral com outras imagens emblemáticas e que também se constituíram em símbolos de acontecimentos ou que também adquiriram uma força totêmica. A ideia de espectro aparece aqui com base na perspectiva de Dietmar Kamper (2002) que se remete a uma fantasmagoria. Para o autor as imagens podem encobrir o que elas mostram, tornando-se sombras. Um exemplo dessa fantasmagoria é a capacidade de vinculação, de um pairar sobre, de imagens antecessoras às do menino Aylan Kurdi e que se atualizam, se reinvestem de poder a partir do acionamento da memória.

Tome-se como exemplo a imagem feita em 1944, nas Ilhas Marianas, ao final da II Guerra Mundial, em que o famoso fotógrafo americano Eugéne Smith registra um marine resgatando uma criança, já morta, nativa do local onde ocorreram as lutas entre as forças japonesas e americanas. Em 1993, outra fotografia ganhou o mundo, desta vez no Sudão, de autoria de Kevin Carter, fotógrafo sul-africano, que cobrindo a fome registrou o momento em que um abutre se aproximava de uma criança. O menino, Kong Nyong morreu em 2007, mas o fotógrafo foi duramente criticado na época por não ter ajudado a criança e priorizado o momento do click. Um ano após a divulgação da foto, Carter ganhou o prêmio Pulitzer de fotografia, um dos mais prestigiados.

As duas imagens descritas acima, juntamente com outras como a Napalm Girl de Nik Ut, pertencem ao nosso repertório iconográfico porque são imagens chocantes, fortes em sua origem, mas, para além disso, retratam momentos em que o fotojornalismo se centrou em sua função informativa e testemunhal, características que foram sendo opacadas com o passar dos anos por outras como a metáfora visual, a colagem, a composição pura.

O “instante pregnant” de Cartier Bresson é uma marca destas imagens anteriores, assim como das imagens de Nulifer Demir sobre o menino sírio. Obviamente retratam a dor, mas a crueza das imagens não significa sua transformação imediata em símbolos, outras imagens tão duras, tão foto-choque quanto circulam e nem por isso têm condições de permanecer como visíveis. O que lhes permite o acesso? Quais suas credenciais? Em comum, em todas elas, a presença de crianças, a convocação de estruturas sociais profundas como a base familiar ceifada, também a guerra como cenário, seja central ou pano de fundo, como na Síria.

Nulifer também foi acusada de explorar a imagem em busca de um prêmio e respondeu que “a fotografia era um grito de um corpo silencioso”. A questão envolve que tipo de grito ecoa que não a simples comoção? Além disso, a imagem de 2015, diferente das demais, vincula-se com as imagens de 2001, o atentado às torres gêmeas, uma vez que mesmo sem à alusão imediata, quando se menciona o mundo árabe há uma relação direta com os atentados, que mesmo não existindo figurativamente pairam no ar, também numa espécie de espectro. Isto implica dizer que as imagens devoradas anteriormente, retornam agora sob a forma de novas devorações, incidindo no acionamento de estruturas que são estruturantes de outras estruturas, portanto, numa forma de poder simbólico (BOURDIEU, 2011) impedindo que outras imagens tenha acesso ao universo do visível, ainda que estejam disponíveis. Estas devorações configuram o que Rosa (2016) chama de fagias sociais e midiáticas. As fagias sociais dizem respeito ao consumo de imagens pelos atores sociais e a manutenção de determinadas imagens em circulação com potencial de ascender aos meios tradicionais. Já a fagia midiática implica na valorização destas imagens pelas instituições midiáticas jornalísticas que acolhem o produzido pelos atores e atribuem novas camadas de sentido, enquadrando tais

publicações em suas normas. Ambas as fagias se complementam e corroboram para a constituição do totem ou, em outras palavras, na fixação de crenças.

Tentativas de quebras: Charlie Hebdo e a consolidação do totem

A imagem-totem é aquela que se transforma em uma imagem impossível de ser quebrada, ou que posta à prova, resiste aos fatores tempo, à acidez do humor, é protegida pelo coletivo, uma vez que é instaurada por ele. Evidencia-se no caso em análise que, na processualidade de circulação, não há espaço para imagens concorrenciais circularem. As que são inseridas, mesmo que busquem um “outro” olhar, são na verdade o mesmo ângulo, a partir do uso de tecnologias outras, pois encontramos desenhos, ilustrações digitais, grafites e até mesmo performances artísticas recuperando a imagem primeira. No entanto, o tom oferecido ao discurso é quase uníssono, não se trata de crítica nem à Europa, em relação aos pedidos de asilo e ao preparo para atender com qualidade tantos desabrigados, e nem aos países em guerra e seus aliados. Trata-se, sim, de uma amplificação do sentimento da dor, de uma consternação coletiva que não demanda um fazer prático, uma tomada de atitude, mas uma resposta midiaticizada, isto é, o acionamento de novos circuitos.

O Jornal Charlie Hebdo por duas vezes foi uma voz dissonante no contexto das instituições midiáticas e nas duas ocasiões foi amplamente rechaçado, embora abrigado sob o guarda-chuva da liberdade de expressão. Na primeira ocasião, ainda em setembro de 2015, o jornal criticou a Europa, a religião árabe ao mencionar que os “Cristãos marcham sob as águas, já as crianças muçulmanas afundam na água” e ainda mais forte foi a segunda charge com o desenho do corpo do menino na praia e um cartaz parecido

com os anúncio do McDonald's em que se lê: "Estava tão perto: dois cardápios infantil pelo preço de um. Promoção!" Ou seja, o sonho americano, o sonho do mundo desenvolvido. Mas a imagem-totem é ferida, por isso a tentativa de quebra, de romper com a visão de uma criança inocente tendo sua vida interrompida brutalmente é negada. A crítica que é remetida não é feita à criança, mas a todos nós que estamos aqui, vendo a morte acontecer, rechaçamos a charge porque ela fere a imagem que se autonomizou por meio dos mecanismos da gula acionados na circulação. Qualquer outra tentativa de imagem diversa será barrada.

Percebe-se que as imagens eleitas⁶ pelas instituições midiáticas e por atores sociais, por sua acessibilidade, poder de circulação e ao mesmo tempo de pregnância, foram dispostas em quadros menores sobre fotografias maiores ou em narrativas sequenciais, viraram "selo" em reportagens seriadas numa espécie de perspectiva em abismo, permitindo uma "reocorrência" do acontecimento no plano midiático. De modo tal que as imagens do menino são postas em circulação, replicadas, inseridas em dispositivos midiáticos jornalísticos ou não, até que se transformem "na imagem" ou "no símbolo", enfim, que se consolidem perante outras imagens possíveis. Ou seja, não há espaço na processualidade para construir imagens alternativas, pois estas são restringidas, impedidas de voltar a circular.

A suposição do porquê se escalam tais imagens como símbolos dominantes perante outros e porque elas, de certa forma, consolidam determinadas possibilidades em termos de imaginários dos receptores e produtores, inclusive dos críticos, é de que haveria estruturas profundas que se manifestam nas processualidades midiáticas que acabam designando as ações

⁶ Inicialmente a fotografia com menos proximidade, em plano mais geral, mas posteriormente com ênfase nas fotografias de close do corpo do menino.

dos atores sociais. Isto é, no caso do menino Aylan Kurdi, as fagias midiática e social acabam condicionando as possibilidades de reflexão e interpretação da situação polêmica: a própria crise da imigração e suas derivadas. Estamos falando de um poder que se instala e que pode ser observado nas relações e interações estratégicas e ritualísticas. Reforça-se que este poder é transcendente em relação às ações e interações, pois é, de certa forma, um símbolo de alguma estrutura profunda do social que se manifesta, aqui chamada de totem.

Para Ernst Cassirer (2004), o totem é exatamente esta estrutura profunda, manifesta por um tipo de intuição mítico-religiosa que realiza a ordenação do mundo e que gera um sentimento de pertença. Há, de um lado, um “sentimento-de-si”, que se articula, de outro, com a necessidade de fazer parte de uma comunidade. Esta estrutura profunda, que diz respeito à esfera da representação do totemismo, envolve a relação homem-animal, homem e consciência mítica, o que, por consequência, diz respeito ao imaginário⁷. Tais colocações são importantes para entender que, na criação das imagens-totens pela midiaticização, há uma convocação do imaginário, ou seja, de imagens imateriais prévias. Se, por um lado, há um bloqueio das relações e dos símbolos possíveis, há, derivado disso, um bloqueio dos imaginários, e, por decorrência, de outras relações reais.

Isso fica ainda mais evidente na situação ocorrida em 14 de janeiro de 2016, também envolvendo o Charlie Hebdo. A tentativa de quebra da imagem do menino sírio foi ligada a outro fato envolvendo imigrantes: o suposto estupro coletivo ocorrido no réveillon na Alemanha. A charge abaixo (**figura 4**)

⁷ O imaginário, na visada de Gilbert Durand (2001), é abastecido por imagens já vistas, sendo indissociável dos mitos.

traz o questionamento “No que teria se tornado o pequeno Aylan se tivesse crescido?” e a resposta: “Apalpador de bundas na Alemanha”⁸.



Figura 04: Charge assinada por Riss, editor do jornal. Fonte:

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/charge-do-charlie-hebdo-sobre-garoto-sirio-afogado-causa-revolta.html>

A publicação causou revolta nos atores sociais que postaram respostas na página do Charlie Hebdo, mas que também se manifestaram em seus dispositivos alegando que a imagem fere a memória de Aylan, que a publicação francesa “faísca de raiva”. A rainha da Jordânia solicitou que publicassem uma ilustração em que o menino aparecesse como médico ou professor numa tentativa de preservar a imagem primeira. Esse cenário apenas traduz que a imagem-símbolo é praticamente indestrutível, o que não impede que, com o passar do tempo, se torne esvaziada, tamanha a quantidade de usos e apropriações.

⁸ Tradução livre

Considerações Finais

A imagem-símbolo dos acontecimentos, como no caso em análise, revela uma relação intensa entre as imagens endógenas e as exógenas. Tal relação se acentua quando as imagens exógenas são amplamente reiteradas, num processo de repetição que leva a uma autonomização. Como afirma Baitello Jr (2005, p.55) se apresenta uma crescente independência e autossuficiência das criações do imaginário, seja ele político ou midiático. “A proliferação autônoma das imagens que se bastam a si mesmas, não mais oferecendo janelas para o mundo, senão janelas para si próprias. Ou seja, não apenas ascendentes sobre os homens, mas agora auto-referentes”. A autorreferência implica no fato de que não nos remetemos mais ao acontecimento, mas às imagens dele. Quando pensamos no menino Aylan Kurdi pouco importa como ele morreu ou quando, que questões políticas e sociais profundas não estão sendo tensionadas ou, ao contrário, estão sendo opacadas pela força da foto-choque. Interessa, sim, o que sua imagem representa e nos coloca como partícipes pela comoção, pela dor do outro que passa a compor o nosso próprio imaginário. O excesso de reprodutibilidade da imagem, porém, pode levar a um processo que Kamper chama de descontrole pelo excesso. As repetidas aparições, remetendo a imagens anteriores, podem levar a uma hipertrofia do olhar. De tanto ver, já não vemos.

Contudo, as imagens postas em circulação, valoradas no jogo interacional entre instituições midiáticas jornalísticas e atores sociais midiaticizados, evocam laços do social, despertam um sentimento de pertença e, assim, deixam transparecer a permanência das estruturas sociais profundas. Assim, as imagens-totens fomentadas no processo de midiaticização por meio da circulação são resultados de um acionamento do imaginário, portanto de

imagens já vistas anteriormente e que integram o coletivo como Napalm Girl, o menino e o abutre ou as torres em chamas. As fotografias da criança afogada trouxeram apelos de “Cuidado! Imagem forte”, mas, com uma força quase hipnótica, sua inserção em multidispositivos tornou-se incessante. Mesmo diante do questionamento da irrealidade da imagem ou das tentativas artísticas e jornalísticas de ruptura da imagem hegemônica, não se encontrou espaço para pontos de fuga. As alternativas foram (e ainda são) rechaçadas, não porque ferem a imagem do menino, mas porque ferem a imagem consolidada em nosso repertório iconográfico.

Deste modo, independentemente da possibilidade de uma encenação, quando disponibilizada para a circulação esta imagem passa a ser ratificada, sofre uma espécie de blindagem que impede seu esquecimento. Isso se evidencia a tal ponto que hoje, passados mais de um ano da ocorrência, as fotografias do caso perambulam pelas instituições jornalísticas ou espaços dos atores sociais toda e cada vez que um novo fato parece ter potência de encobrir a crueza dos registros primeiros. O caso Aylan Kurdi retorna, corriqueiramente, seja para se associar a outra imagem, como a da menina Aya, de Aleppo, seja para fazer referência à própria crise da imigração. Estamos diante de uma imagem com força espectral que apresenta intensa vinculação com imagens anteriores e se consolida em uma imagem-fantasma, que mesmo não sendo colada a novos fatos, emerge. Agamben (2007 apud TEIXEIRA, 2010) destaca que a permanência das imagens requer operações que as permitam se tornar em espectros, ou seja, “restituí-las à vida”. Temos, enfim, um passado que se atualiza na tensões e que se consolida como totem, restringindo outros imaginários.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 1, Janeiro-Março. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n1p327>

Referências

Anadolu Agency. Disponível em <<http://aa.com.tr/en> ?> (acesso em 1º/11/2016).

BAITELLO JR, Norval. **A era da iconofagia:** ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

_____. **A serpente, a maçã e o holograma:** esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

BELTING, Hans. **Pour une anthropologie des images.** Paris: Gallimard, 2004.

BRAGA, Jose Luiz. "Circuitos versus Campus". In: JANOTTI JR, J; MATTOS, M A; JACKS, N. **Mediação & Mdiatização.** Salvador: EDUFBA, Brasília COMPOS, 2012. p.31-52.

BRAGA, Jose Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio.; GOMES, Pedro Gilberto. (orgs). **Dez Perguntas para a produção de conhecimento em comunicação.** São Leopoldo: Unisinos, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 15ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas.** Vol II – O pensamento mítico. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FAUSTO NETO, A. (2008) "Fragmentos de uma analítica da midiatização". In: **Revista Matrizes.** N02, abril. Disponível em <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/MATRIZES/article/viewArticle/5236> > (acesso em 17/07/2015)

DEMIR, Nulifer. Entrevista para o site G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/fiquei-petrificada-diz-fotografa-que-fez-imagem-de-menino-sirio-morto.html>> (acesso em 15/11/2016)

FERREIRA, Jairo. "Notícia sobre as Ongs: uma conjuntura aberta pelos dispositivos midiáticos na web". In: FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo (orgs). **Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação**. São Paulo: Paulus, 2007. p.133-148.

FLUSSER, Vilem. **A história do diabo**. São Paulo: Annablume, 2006.

GOMES, Pedro Gilberto. Os processos midiáticos como objeto de estudo. IN: **Tópicos da teoria da Comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

KAMPER, Dietmar. Estrutura temporal das imagens. In: **Revista Grebh**. Nº 01. São Paulo: CISC, 2002. Disponível em <<http://revista.cisc.org.br/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=view&path%5B%5D=276&path%5B%5D=285>> (acesso em 15/11/2016).

MARTINS, Vera Guimarães. "Essa imagem é muito crua para você?" In: **Jornal Folha de S. Paulo**. Edição 06/09/2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ombudsman/232039-essa-realidade-e-muito-crua-para-voce.shtml>> (acesso em 10/09/2015)

PROULX, Serge. "Estudos de recepção em contexto de mutação da comunicação: rumo a uma quarta geração?" In: **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação. Vol. 1, nº 2, julho-dezembro, 2014. Disponível em <<http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/7660>> (acesso em 24/06/2015).

ROSA, Ana Paula da. **De reflexos a fagias: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens**. IN: CINGOLANI, Gaston; SZNAIDER, Beatriz. Nuevas mediatizaciones, nuevos publicos. Argentina, Rosario : UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario, 2016.

_____. **Imagens em proliferação**: a circulação como espaço de valor. IN: Anais do V Colóquio de Semiótica das Mídias. Japaratinga, 2016.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 1, Janeiro-Março. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n1p327>

_____. Atentado em looping: uma palavra que aciona uma imagem. In: **Revista Famecos**. Vol 22, nº 04, 2015. Disponível em

_____. Imagens-totens em permanência x tentativas midiáticas de ruptura. In: ARAUJO, Denize; CONTRERA, Malena (orgs). **Teorias do Imaginário**. Compós, Brasília, 2014. p. 28-50 Disponível em <http://www.compos.org.br/data/teorias_da_imagem_e_do_imaginario.pdf <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20992>> (acesso em 20/08/2015).

SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TEIXEIRA, Felipe. Aby Warburg e a pós-vida das Pathosformeln antigas. In: **Historia da historiografia**. Nº 05. Ouro Preto, 2010. Disponível em < <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/171/146> >(acesso em 01/11/2016)

VERON, Eliseo. **La semiosis social 2**: ideas, momentos, interpretantes. Buenos Aires: Paidós, 2013.

_____. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. In: **Revista Matrizes**. Vol. 08, nº 01, 2014.

_____. **A produção do sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980.